

Baixada

FOTOS DIVULGAÇÃO

Ensaios tentam dar conta dos detalhes finais do espetáculo, que começou a ser criado antes da pandemia



UM BALÉ E UMA LENDA TRÁGICA

Bailarinos de várias idades se apresentam em um espetáculo, produzido em plena pandemia da Covid-19, que evoca o passado indígena do município de Itaguaí

JUPY JUNIOR
jupy.junior@odia.com.br

No século 18, entre os rios Itinguçú e Itaguaí, instalaram-se os Y-Tinga. Eram os habitantes originais do local onde hoje é a cidade de Itaguaí. Pouco depois, chegaram os jesuítas. Uma longa história. Mas é interessante se concentrar no chefe dos Y-Tingas, Quiva, e sua linda Laiá, índios que foram consagrados em matrimônio pelos padres. A viagem de lua de mel, diz a lenda, traçou os contornos do hoje município.

Mas depois houve guerra com os homens brancos. Laiá foi atingida. Quiva ordena que o Pajé a salve, mas ele diz que Laiá está envenena-

Outra apresentação está marcada para o dia 2 de maio, mas os ingressos já se esgotaram

da! A cura viria apenas se um índio beber o sangue de Laiá misturado com uma erva, até ficar tonto e tirar de sua veia o seu sangue misturado com outra erva para Laiá beber. Salva-se Laiá, mas morre quem beber seu sangue. E assim Quiva fez. Assim Quiva, bravo chefe e guerreiro, salvou sua amada e morreu.

Laiá, que se salvou, ficou desesperada com a morte do seu amado, embrenhou-se na mata e em seguida morreu também, o que selou o destino dos Y-Tingas: a tribo foi exterminada tempos depois, em conflitos sangrentos

na Fazenda de Santa Cruz, o que hoje é o centro de Itaguaí. Os corpos dilacerados dos índios foram jogados na praia de Mangaratiba.

Esta é apenas uma parte da história que as crianças de Itaguaí ouvem na escola: um conto de muita batalha e sangue, mas também com uma bela lenda de amor (que se assemelha em algum ponto com Romeu e Julieta, de Shakespeare). Pois tal lenda é o mote do espetáculo *Balé Y-Tingas*, com criação e direção do veterano da dança itaguaiense, Jailson Trevysani; coreografia de Philippe Matheus Farias, Nicolay Janin e do próprio diretor. Os cenários e figurinos são de Andreia Trevysani, Maycon Mello e Sandra Cibelli.

O balé estreia no sábado, em duas sessões no Teatro Municipal Marilu Moreira: uma somente para convidados e outra para público pagante (mas que esgotou os ingressos em poucas horas).

Outra apresentação está marcada para o dia 2 de maio, mas os ingressos também se esgotaram rapidamente.

Todas as apresentações estão com lotação limitada a 30% dos assentos ocupados, o uso de máscara e obrigatória, álcool em gel e medidas de distanciamento.

A produção solicitou novas datas para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, que controla a agenda do Teatro Municipal, mas ainda não tem uma resposta concreta.

Porém, o espetáculo terá uma transmissão on-line, gratuita, sábado, às 15h, pelo Facebook do Instituto de Dança de Itaguaí (<https://www.facebook.com/DancaItaguaui>).



Trevysani (ao centro) dirige seus bailarinos em uma das cenas do espetáculo, que estreia no próximo sábado

Montagem do show em meio à pandemia

► Todo ano, Trevysani faz um espetáculo para que os alunos – o diretor tem um Studio e um instituto – sintam a magia do palco e entendam como é atuar. Em 2020, por causa da pandemia, isso não foi possível, mas apesar do vírus ainda estar por aí, ele resolveu se lançar e botar todo mundo para dançar, com todos os cuidados, é claro.

“Foi um desafio novo e enorme. São 17 pessoas, entre produção, coreógrafos, técnicos, maquiagem e cabelo e assistente de produ-

ção. São 35 bailarinos no total. Tivemos que fazer muitas adaptações no modo de trabalhar”, disse o diretor, que conta como teve a ideia: “Penso nessa lenda em um balé desde que eu atuava como bailarina. Gosto de criar espetáculos que ensinem algo, levem uma mensagem, e esta sem dúvida faz parte da história da cidade de Itaguaí. Acho muito importante levar essa lenda, que é parte da nossa história, para o mundo”, explicou.

Para criar o espetáculo, Trevysani consultou historiadore e trabalhos acadêmicos,

além de evocar a história oral da cidade, instrumento poderoso de manutenção da cultura. “A parte mais interessante obtive por meio dos grãos, líderes que difundem as tradições, que contam a lenda de Quiva e Laiá com muita verdade nos olhos”, conta.

Todo o espetáculo teve um custo 18 mil reais, quase no total custeado pela Lei Aldir Blanc. O projeto foi selecionado no ano passado e recebeu os recursos no valor de R\$ 17,5 mil em janeiro deste ano.

Bailarinos de várias idades no espetáculo

► Trevysani inclui bailarinos de várias idades (a mais nova tem 3 anos), oriundos dos bairros e comunidades de Itaguaí, a maioria bolsistas e participantes de projetos sociais. O espetáculo é do Instituto de Dança, com participação de alunos do Studio de Dança Jailson Trevysani. Os mais novinhos serão os “curumins de Laiá”.

O *Balé Y-Tingas* tem dois atos. O primeiro conta como Quiva e Laiá se conheceram e casaram. O segundo traz o drama do envenenamento: “Quiva resolve fazer o ritual de beber do sangue dela e trocar a vida dele pela dela. Ela enlouquece e some. Logo depois, é extinta a tribo dos Y-Tingas”.

A parte musical é uma montagem de trilhas colhidas na internet. Havia a ideia de produzir música original com a premiada banda local Bamita, mas não houve tempo hábil.

A cenografia, realçada pela iluminação, vai transformar o palco do teatro municipal em uma floresta com o uso de elementos naturais: frutas, plantas, bananeiras e troncos.

Os ensaios começaram ainda em 2020, pararam por causa da pandemia, retornaram em agosto do mesmo ano e estão em fase de acabamento. Como é natural, há o nervosismo da estreia e o estresse de deixar tudo pronto para que todos brilhem no palco.

O objetivo do espetáculo, segundo o texto de divulgação, é “difundir a lenda de Quiva e Laiá, divulgar Itaguaí por meio de um balé com seus talentosos bailarinos e enaltecer ancestrais que persistem na arte e nos nossos corações”.